

Festa, Memória e Turismo Cultural-Religioso: A Procissão ao Nosso Senhor dos Passos, em São Cristóvão-Sergipe¹

Revista Rosa dos Ventos

5(l) 15-28, jan-mar, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Ivan Rêgo Aragão², Janete Ruiz de Macedo³

RESUMO

A invocação e o culto dos Passos da Paixão chegaram ao Brasil a partir da herança barroca portuguesa. Atualmente, na cidade sergipana de São Cristóvão, essa devoção tem o formato de Festa de Penitência, atraindo muitos visitantes. Tendo o seu início no final do século XIX, é notória a existência de memórias sobre a festa, que ativam as lembranças de devoções, afetos, camaradagem e solidariedade entre os agentes sociais envolvidos. A partir de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, o presente artigo se propõe discutir a Festa do Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão como objeto histórico, turístico, religioso e cultural. Ao final do estudo, constatou-se que a sede do município se consolida como um destino para o segmento do turismo religioso.

Palavras-chave: Turismo Cultural-Religioso. Festa. Memória. Nosso Senhor dos Passos. São Cristóvão, Sergipe.

ABSTRACT

Feast, Memory and Tourism: Nosso Senhor dos Passos in São Cristóvão, Sergipe - The invocation and the cult of the Steps of the Passion came to Brazil as a Portuguese Baroque heritage. In the town of São Cristóvão, this devotion has the format of Feast of Penance with payment of promise, attracting many people. The feast began in the late 19th century, and it is obvious that there is a memory about the feast achieving memories, affection, camaraderie and solidarity in social agents involved. From the bibliographical and field researches, this article purposes to discuss the feast of Our Lord of

Keywords: Cultural-Religious Tourism. Feast. Memory. Our Lord of Steps. São Cristóvão-Sergipe.

¹ Com apoio da CAPES, o presente artigo é parte integrante da dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo, intitulada: "Vinde, todas as pessoas, e vede a minha dor": a Festa ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe como Atrativo Potencial Turístico em São Cristóvão-Sergipe, defendida em abril de 2012.

² Mestre em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA-Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (NPGEU/UFFS). E-mail ivan_culturaeturismo@hotmail.com

³ Doutor. Licenciada em História. Professora Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail janetermacedo@yahoo.com.br

Steps in São Cristóvão as an historic, religious and cultural tourism object. The study indicates that the town is consolidated as a religious tourism place.

INTRODUÇÃO

A Festa ao Nosso Senhor dos Passos, acontece no período da Quaresma. Em São Cristóvão, imbrica elementos que perpassam a memória, o patrimônio e a história sergipana. Nesse contexto, o centro histórico da cidade de São Cristóvão é palco da encenação dos 'Últimos Passos da Paixão de Cristo'⁴, revelando no presente/passado dos moradores, as memórias sobre atos de devoção, afetividade e solidariedade. Somadas tais emoções, vislumbram-se a religiosidade e a tradição que paira sobre o evento centenário, proporcionando que o mesmo seja um lugar que promove a identidade cultural e o sentimento de pertença. São emoções anualmente renovadas, rememoradas, pondo em destaque a festa na referida cidade, como um dos maiores eventos religiosos, no Brasil. Como atrativo cultural e religioso, a festa suscita aos deslocamentos, possíveis de serem classificados no segmento do turismo religioso.

O presente artigo se propõe a discutir a Festa ao Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão, uma herança portuguesa, trazendo o aporte teórico-conceitual sobre memória em Halbwachs (2004), Nora (1993), Le Goff (1990) e Pollak (1992); festa em Amaral (2000), Durkheim (2008); Ferreira (2009); Maluf (2001); Martins e Leite (2006) e Montes (1998); espaço em Rosendhal (1996); religiosidade católica em Eliade (2008) e Steil (2001); turismo religioso em Abreu e Coriolano (2003); Andrade (2002); Brasil (2008); Dias (2003) e Sanchis (2006). Além da pesquisa bibliográfica, houve trabalho de campo com observação direta e colhimento de informações através de entrevistas e depoimentos.

Ao promover anualmente o evento para a renovação do compromisso a favor do Senhor dos Passos, a sede do município se consolida em um local atrativo para o segmento do turismo religioso. A cada edição, o centro antigo da cidade, onde se realiza a festa, desponta como um local para a promoção do turismo católico no estado de Sergipe.

MEMÓRIA, FESTA E TURISMO CULTURAL RELIGIOSO

As festas com base no caráter sagrado ou profano são acontecimentos tradicionais, que deslocam grande contingente de pessoas em busca de conforto espiritual, equilíbrio psicológico, fuga do cotidiano, lazer e enriquecimento cultural. Embora em mais de cinco séculos de presença portuguesa no Brasil, as festas processionais de origem ibérica tenham se ressignificado, as mesmas são "uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil. Elas diferem umas das outras conforme a época e a sociedade, mas, invariavelmente, representam os valores, reforçam as estruturas sociais e ajudam a construir a identidade de um grupo [...]" (Ferreira, 2009, p. 11).

Para Amaral (2000), Maluf (2001) e Montes (1998), as celebrações religiosas católicas de caráter devocional e de culto público fazem parte da vida dos brasileiros, sendo plausível falar em uma 'cultura da festa', no país. As celebrações religiosas são momentos ápicos, que servem

⁴ Momentos de sofrimento que precederam à sua crucificação.

para lembrar acontecimentos bíblicos ou da hagiografia⁵ dos santos, renovando os sentimentos de fé em favor do catolicismo, visto que “toda religião tem sua história, ou seja, uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos distantes, frequentemente no passado, e que ocorreram em lugares determinados” (Rosendhal, 1996, p. 35). No tocante à festa no país, se percebe uma multifuncionalidade e polissemia inerentes a um fenômeno que se presta a assimilação de culturas, costumes e etnias. Sejam de caráter sagrado ou profano, as mesmas correspondem a um tempo-espço especial. Na concepção de Ferreira (2009, p. 17), a comemoração religiosa “é um momento de celebração da vida, que rompe o ritmo monótono do cotidiano, e permite a vivência de afetos e emoções”. Ainda segundo a autora citada, as festas de caráter religioso “também perpetuam as tradições e constituem um verdadeiro patrimônio cultural”. Durkheim (2008, p. 547), corroborou com a discussão sobre a relação dicotômica da festa:

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.

As celebrações sagradas dão instrumentação para identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando, muitas vezes, a recuperação da própria identidade (Martins & Leite, 2006). No país, ainda predomina o catolicismo como religião em destaque, nesse contexto, ao longo do ano as festas de padroeiros e santos fazem parte do dia a dia das pessoas. Iniciando em janeiro, com as comemorações dos Santos Reis; em abril, a Semana Santa; passando por datas festivas como Corpus Christi e festas do ciclo junino, em junho; e finalizando com o Natal, em dezembro; há ainda as homenagens aos santos e padroeiros, no calendário litúrgico anual. Santos e Nunes (2005), refletem que:

As festas constituem um dos principais momentos do catolicismo popular. É difícil imaginar o cotidiano de uma pequena cidade brasileira sem as agitações das novenas, santas missões, acompanhamentos e procissões. Essas são algumas expressões de religiosidade que acabam por se tornar um grande instrumento para se compreender a sociedade na qual estão inseridas (p. 98).

Como momentos importantes para o exercício da sociabilidade no contexto urbano, as festas e procissões religiosas ativam a memória dos moradores da cidade, bem como reforçam as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo. No caso da Festa de Nosso Senhor dos Passos, em São Cristóvão, a mesma proporciona momentos para a promoção do catolicismo, revelando ações de fé e misticismo religioso do grupo que participa da celebração. Nesse contexto, ela se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que o tempo da festa é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992).

Sendo local para rememoração da vida de Cristo e práticas religiosas tradicionais que acompanham o catolicismo, a Festa de Passos se traduz, ampliando-se o conceito de Nora, em um *lugar de memória*. A vivência da Festa como tal, assimilada pelo grupo, torna-se “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (Le Goff, 1990, p. 476). Como momentos em que as memórias, os sentimentos e os afetos contribuem

⁵ Descrição da vida de algum santo, beato e servo de Deus, proclamados por algumas igrejas cristãs, sobretudo pela Igreja Católica, pela sua vida e pela prática de virtudes heróicas.

para coesão da coletividade, a celebração são-cristovense é também momento de reencontros e nostalgias. Sendo assim, “a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo” (Silva, 2002, p. 427).

A reconstrução do passado através da memória perpassa pelas recordações comuns a um coletivo de pessoas que tenham vivenciado os mesmos fatos, a exemplo de uma viagem em grupo. A partir da experiência compartilhada, a memória dos acontecimentos da viagem se faz presente tanto para o sujeito individual, como para o ‘outro’, enquanto coletividade (Halbwachs, 2004). Tal situação pode ser presenciada na celebração do Senhor dos Passos, tornando a festa em ‘lugar de memória’ (Nora, 1993), para os diversos atores sociais participes da festa.

De acordo com Nora (1993), os locais de memória, sejam físicos, simbólicos ou funcionais, acabam em sua dinâmica por se completarem, mesmo que e aparentemente, se contraponham. Além de festa religiosa, o evento do Senhor dos Passos é fenômeno social, cultural, histórico e turístico, no qual “toda religião tem uma história, ou seja, uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos distantes, frequentemente no passado, e que ocorrem em lugares determinados” (Rosendhal, 1996, p. 35). Portanto, o que envolve a memória da Festa do Senhor dos Passos é significativo, na medida em que a partir dela, irão se perpetuar mitos, tradições, práticas e ritos que formatam e dão identidade à celebração em São Cristóvão.

A Festa ao Nosso Senhor dos Passos, desloca/agrega em seu espaço, diferentes classes sociais, faixas etárias e estilos de vida. Nesse sentido, as festas católicas brasileiras em devoção aos santos atraem multidões que chegam de diversas partes do Brasil, sendo responsáveis, ao longo do ano, por fluxos constantes de viajantes. De acordo com Abreu e Coriolano (2003), “as festas religiosas estão entre as mais fortes expressões da cultura brasileira, sendo significativa a quantidade e a diversidade de celebrações que acontecem, tornando-se lócus do turismo religioso” (p. 79).

No que diz respeito à religião, visitar locais considerados sagrados, algumas vezes associa-se, também, a um encontro com o próprio eu, com a identidade do grupo, com a sua cultura. O turismo religioso formata-se pela atividade ligada à busca e prática espiritual em espaços e em eventos, em expressões místicas “de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais, e sacerdócio” (Brasil, 2008, p. 19). Nesse sentido, o turismo religioso como ramificação do turismo cultural, propõe estimular o deslocamento de pessoas aos locais de culto e peregrinação, onde os indivíduos procuram conforto espiritual.

Pesquisas⁶ apontam que o segmento de turismo religioso está em franco crescimento. No Brasil, essa segmentação se fortalece por se tratar de um país com grande tradição religiosa, criando demanda para o desenvolvimento do setor. De acordo com Andrade (2002), depois do turismo de férias e de negócios, seria o segmento que mais se desenvolve, visto que, “além dos aspectos místicos e dogmáticos - as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades” (p. 79). Pelo grande número de festas de padroeiro e de outras comemorações religiosas católicas, seria árduo listar as cidades que promovem tais celebrações. É fundamental mencionar que, por todo o território nacional, seja

⁶ Andrade (2002), Brasil (2000, 2008), Dias (2003), Maio (2006) e Oliveira (2004).

em grandes cidades ou médios e pequenos povoados, é possível perceber a devoção aos santos, aos beatos e aos padroeiros locais, em procissões, igrejas e capelinhas. Como tal, atraem a população urbana e rural para o ritual de adoração e outros atos litúrgicos (Steil, 2001).

As várias percepções acerca do sagrado e do deslocamento aos centros atraentes para a atividade turística possibilitam vislumbrar que as características do turismo religioso se modificam de acordo com o lugar, a distância e a intenção da viagem. “O fluxo de pessoas encaixadas neste segmento é sempre palco de polêmica, no sentido de entender os fatores motivacionais e psicológicos que agem em fazer as pessoas se deslocarem as cidades, procissões, lugares e templos sagrados” (Aragão & Macedo, 2011, p. 104). Oliveira (2005) menciona a ideia do turismo religioso como um retorno do indivíduo para dentro de si, “e por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicionais ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade” (p. 339). Para Trigo (2010), a viagem antes de ser de cunho geográfico, cultural ou social, é uma jornada do indivíduo consigo mesmo, o que por si só se justifica como experiência fundamental na vida das pessoas. As celebrações de cunho sagrado permitem identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando muitas vezes, a recuperação da própria identidade (Martins & Leite, 2006). No deslocamento dos romeiros, Sanchis (2006) constatou quatro características que ilustram muito bem a dimensão da viagem de cunho religioso. Na sua matriz esse tipo de afluxo refere-se a “procura caminhante do Sagrado; relação ativa com o espaço, o lugar longínquo, a atividade visada pela transformação de si” (p. 91). Dessa maneira, o peregrino-romeiro-turista está quase sempre envolvido com os aspectos emocionais que o sagrado pode proporcionar: o sentimento de melhores condições físicas e psíquicas que, muitas vezes, move os visitantes aos lugares, aos eventos religiosos e não o prazer da viagem como fim.

O Ministério do Turismo tem incentivado a segmentação turística como forma de auxiliar o setor, objetivando o planejamento, a gestão e o mercado. Segundo Lohmann e Panosso Netto (2008), as classificações dentro da atividade turística são estratégias de marketing que dividem os consumidores-turistas em segmentos ou subsegmentos, buscando uma maior eficácia dos recursos existentes e, dessa forma, equacionar a oferta e a procura. Cabe aqui o questionamento: o turismo religioso se adequa a essa lógica? Segundo o Ministério do Turismo (Brasil, 2008), o turismo religioso enquadra-se como um segmento de turismo cultural, visto que ir a locais, santuários e igrejas representativas para qualquer religião, além dos aspectos dogmáticos, é uma forma de conhecimento cultural.

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região (Dias, 2003, p. 17).

Beni (2000) põe em discussão o segmento de turismo religioso, dizendo tratar-se de uma demanda com características únicas, mas que, mesmo nessa situação, “esses peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos e serviços com uma estrutura de gastos semelhante à dos turistas reais” (p. 422). Mesmo algumas romarias e peregrinações, que tenham como fator a penitência e a valorização simbólica do sofrimento, “podem ser compreendidas em suas interrelações com a lógica prática e teórica do turismo. Pois, a princípio, nada impede de considerá-las como ‘viagens turísticas’, mesmo requerendo todo tipo de cuidado, ao convertê-las em deslocamentos peculiares, dignos de um tratamento específico” (Carneiro, 2004, p. 78).

Dessa maneira, é plausível concluir que a demanda que busca o turismo religioso, mesmo sendo diferenciada e recorrendo a meios alternativos e mais acessíveis financeiramente em termos de transporte, hospedagem e alimentação, não deixa de utilizar serviços que podem ser considerados como turísticos. De acordo com Aragão e Macedo (2011b), “a discussão se instala na medida em que, muitas vezes, o viajante dessa modalidade, nem sempre usa os equipamentos e estrutura turística do lugar visitado ou não deixa dinheiro para a circulação econômica na cidade” (p. 40), como alguns teóricos do turismo enfatizam.

A revisão da literatura constatou que os romeiros, quase sempre, já conhecem o local visitado, confirmando que, nesse caso, a viagem tem um teor completamente voltado para o compromisso religioso. Diferente de um deslocamento no qual se estabelecem vínculos com o prazer da viagem tanto pelo lazer, como pelo enriquecimento cultural. Porém, como questionar o afluxo de pessoas ao santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, à cidade do Vaticano, ao caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, à cidade de Fátima em Portugal, Lourdes na França ou mesmo a viagem à Jerusalém, no Oriente Médio? Os acontecimentos e lugares sagrados da religião católica se revestem de um caráter multifuncional, bem como polissêmico, dificultando estabelecer fronteira precisas de classificação sobre a demanda deste segmento. Segundo dados do Vaticano, são 200 milhões⁷ de pessoas que, anualmente, fazem turismo religioso católico ao redor do globo.

Para Abreu e Coriolano (2003), o deslocamento do seu entorno habitual é a única semelhança entre o romeiro e o turista simpático a religião que professa. “A viagem para o romeiro é a satisfação espiritual da busca do místico, sendo na maioria das vezes um ato de sacrifício. [...] Para o turista, é uma procura de satisfação religiosa mais do que prazer material [...]. O turista religioso conjuga na viagem o prazer com a fé, mas a motivação maior é o prazer de viajar, conhecer coisas e lugares novos” (p.79). Steil (2003) também percebe que os turistas que escolhem uma romaria como viagem de passeio, “formam hoje uma nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios ao universo laico das viagens do século XIX do que ao universo místico das peregrinações” (p. 255)

Na experiência das pessoas que frequentam um local sagrado, festa ou procissão religiosa, é interessante verificar as interfaces dos romeiros, peregrinos, devotos, promesseiros, penitentes e turistas. Ora mesclando e confundindo, ora reforçando de forma a deixar as claras suas motivações e os seus comportamentos. Ou seja, a “análise dos comportamentos ou das motivações não nos oferece indicadores capazes de demarcarem uma linha de fronteira entre turistas e peregrinos” (Steil, 2003, p. 250). Conclui-se que todo romeiro ou peregrino é turista, visto que a viagem implica em um deslocamento para um local fora do seu costume habitual e obriga o viajante, em certa medida, a utilizar algum tipo de transporte (salvo quando o deslocamento é feito a pé); algum equipamento de hospedagem (exceto quando pernoitam ao relento ou em casas de apoio); e quando usam algum equipamento de restauração alimentar (porém na experiência da romaria ou peregrinação, muitos partícipes trazem suas comidas ou recebem da organização do evento lanche e água).

Por outro lado, nem todo turista é romeiro ou peregrino, sendo que a visita a lugares sagrados pode estar atrelada ao conhecimento cultural, observação, curiosidade e, diferentemente das ações constatadas anteriormente, no usufruto de toda estrutura turística que o local tem a oferecer. Essa observação do ‘outro’ com suas práticas devocionais é um atrativo à parte dos visitantes que não se enquadram como devotos. Eles não se vêem vivenciando uma experiência

⁷ Fonte: Globo News Documentário – Turismo Religioso, exibido nos dias 08 e 09/10/2011.

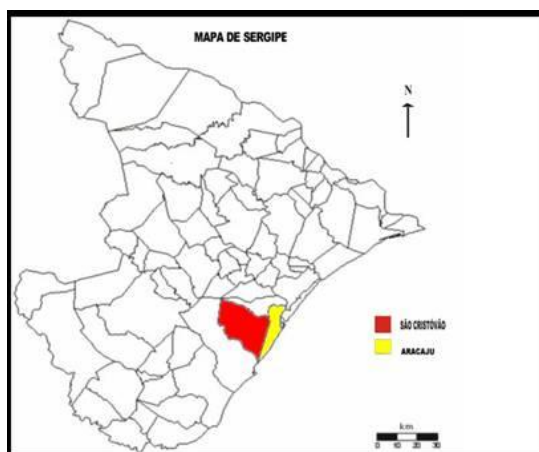
peçoal, mas se colocam como “observador externo na qualidade de turista, frente a uma experiência vivenciada por outros e que se torna objeto de admiração” (Steil, 2003, p. 254). Ainda assim, como afirma Eliade (2008), o grupo que se coloca fora das práticas religiosas, ainda conserva resquícios do comportamento religioso, porém vazio de significados. Carneiro (2004) corrobora com a complexidade das categorias sobre peregrinação e turismo religioso. A autora defende que, em “termos analíticos, a peregrinação e o turismo se apresentam como duas estruturas de valores e sentidos distintas. No entanto, no nível empírico, estes campos sempre aparecem imbricados, tornando suas fronteiras bastante fluidas e híbridas, constituindo-se em estruturas de significados que se articulam e se combinam de várias maneiras formando arranjos sempre renovados e em permanente mutação” (Carneiro, 2004, p. 92).

Nesses acontecimentos, o fiel pode expor a sua devoção tornando-a pública, renovando os votos em favor do Sagrado, bem como possibilita ao fiel sair das rotinas cotidianas (como o faz um turista), integrando-se a momentos de louvor, êxtase e fruição. Dessa forma, as festas religiosas de caráter devocional e de pagamento de promessa, são capazes de agregar pessoas solidárias a uma força maior e estimulá-las ao deslocamento, guiadas pela fé espiritual.

FESTA AO NOSSO SENHOR DOS PASSOS EM SERGIPE

No centro antigo da cidade sergipana de São Cristóvão, a 26 km da capital Aracaju (Imagem 1), é realizada a Festa com a Procissão ao Nosso Senhor dos Passos. O evento anual é comemorado no segundo final de semana após o Carnaval e, em média, quinze dias antes da Semana da Santa. O Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto Histórico e Artística Nacional (IPHAN), a partir de entrevistas com pessoas responsáveis⁸ pela comemoração, documentou que a Festa de Passos teve início no ano da transferência da capital, 1855 (Brasil, 2001). O período dos primórdios do evento como sendo o final do século XIX, também é citado por outros pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema⁹.

Imagem 1 – Localização Geográfica da Festa do Senhor dos Passos



Fonte: Adaptado da SEPLAN/SE (2011)

⁸ D. Maria José Paiva, falecida há alguns anos, foi uma das principais pessoas da comunidade são cristovense que esteve envolvida por anos com a celebração de Passos e, portanto, importante fonte oral para as informações sobre a festa em São Cristóvão, contidas no Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados de Sergipe e Alagoas, do IPHAN.

⁹ Bittencourt Junior (2003, 2007), Santos e Nunes (2005) e Santos (2006)

Somente nas primeiras décadas do século XX é que a festa foi registrada sob a forma de análise e anuário (Telles, 1917 apud Santos, 2011; Sant’Tiago, 2009 e Silva, 1920). De acordo com professora Verônica Nunes,¹⁰ “ao longo do século XIX quando a gente lê as narrativas sobre a Procissão de Passos, constatamos que ela era um Compromisso da Ordem Terceira do Carmo de homens leigos, que seguia a regra Carmelita. Porém, no século XX, não se teve a presença de religiosos carmelitas em São Cristóvão por muitos anos [...]”.¹¹ O fato de os carmelitas estarem por setenta anos ausentes da cidade, mudou significativamente a organização e continuidade da Festa, pois a comunidade tomou a frente nos ritos em homenagem ao Senhor dos Passos.

A dois fatores é creditada propagação devocional da imagem e a Festa posterior, ambos relacionados ao imaginário coletivo local: o primeiro foi o achado singular da imagem no rio Paramopama¹², por um pescador; o segundo, ligado ao incêndio acidental que aconteceu na Igreja do Carmo Menor. Na ocasião, a imagem do Senhor dos Passos sofreu queimaduras na sua carnação¹³, enchendo-se de bolhas, como se fosse pele humana. Bittencourt Júnior (2003) associa os dois acontecimentos como demonstrativos de uma hierofania¹⁴. O primeiro acontecimento, relacionado ao achado da imagem no rio, perpassa não apenas pela descoberta da escultura, mas a indicação “do sagrado e a determinação de que o local da revelação não é como outro qualquer, mas sim, um espaço que deve se entender sagrado” (p.1). Nesse sentido, São Cristóvão se revelaria “como um ponto ‘fixo absoluto’, um Centro” (Eliade, 2008), para onde convergem indivíduos atraídos para o rito de devoção nos espaços sagrados da festa. O segundo fenômeno, embora de natureza físico-química, foi interpretado pela comunidade devota, como algo de natureza sagrada (Bittencourt Júnior, 2003).

Nesse contexto, a imagem do Cristo carregando a cruz se humaniza, tornando-se um instrumento de identificação e veneração, mediador entre o homem devoto e Deus. Pereira (2003) menciona que “a imagem sagrada não é adorada como imagem, mas justamente porque é hierofania, porque ‘revela’ algo que já não é imagem, mas o sagrado” (p. 91). Rosendhal (1996), por sua vez, menciona que a imagem, quando adorada, nela é depositado um sentimento religioso originado da revelação da sua hierofania, logo, “não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que o distingue dos demais” (p. 27).

A Solenidade de Passos é uma festa eminentemente popular, ritualística, penitencial, com exposição pública da fé, na qual o caráter emocional e sacrificial das pessoas está diretamente ligado às dores do Cristo e Maria. A Festa ao Nosso Senhor dos Passos também é conhecida como uma ‘Festa de Dor’. Como mencionou Durkheim (2008), ao analisar as comemorações sagradas, que nem todas as festas são alegres. A Festa de Passos é uma “espécie de auto dramático, ambulante, barroco, com paradas denominadas ‘Passos’ ou estações da Via Crucis” (Fragata, 2006, p. 23).

Aglaé D’Ávila Fontes,¹⁵ menciona que “a Festa de Nosso Senhor dos Passos, é uma das mais representativas da religiosidade popular em Sergipe”. A ex-secretária de Turismo, que também

¹⁰ Professora e historiadora da Universidade Federal de Sergipe.

¹¹ Entrevista concedida aos autores em 30/3/2011, na cidade de Aracaju, Sergipe.

¹² Rio que passa pela parte baixa da cidade.

¹³ Pintura que imita a pele humana. Em restauração de escultura policromada, a camada de pintura que reveste as partes não-cobertas da anatomia, simulando a cor e a textura da carne humana. O mesmo que o termo *encarnar*.

¹⁴ Por hierofania entende-se meio pelo qual o sagrado se manifesta.

¹⁵ Secretária de Cultura e Turismo de São Cristóvão (gestão 2008-2012).

é professora e pesquisadora da cultura popular, faz uma alusão a fé que se estabeleceu no Brasil com a colonização, informando que “em São Cristóvão não foi diferente, mesmo por conta de uma herança religiosa muito presente com as igrejas espalhadas pelo centro antigo [...]”. Em outra entrevista, Silene Lazarito¹⁶ informa que,

[...] a Festa de Passos faz parte do calendário dos eventos religiosos do município [...] existem outros municípios do Brasil que têm a mesma comemoração, mas a de São Cristóvão é bem frequentada, visto que a gente consegue colocar milhares de pessoas na Praça São Francisco [...]. A Festa de Passos traz o turismo à tona de uma maneira muito forte. Não podemos deixar de citar que os eventos religiosos são de grande importância para o município. Então quanto mais se trabalhar e profissionalizar esse tipo de turismo, teremos maior público.¹⁷

Para os sujeitos ouvidos durante a presente pesquisa, a celebração do Senhor dos Passos é considerada a maior festa de penitência do Nordeste do Brasil dentro do período quaresmal. Normalmente celebrada por todo o país dentro da Semana Santa, em São Cristóvão a comemoração dos últimos passos passou pelo deslocamento de data e pela conformação diferente na invocação ao Senhor (Sant’Tiago, 2009). Durante dois dias, os cortejos dentro do espaço do perímetro antigo da cidade representam momentos finais da vida de Jesus e o sofrimento de Maria. A noite, logo após a missa campal, é realizada a Procissão do Depósito (Imagem 2), com cânticos ligados aos passos da Paixão. São paradas realizadas sempre em pontos estabelecidos e mantidos segundo a tradição da festa. Nestes locais, são erguidos pequenos altares representando o Passo a ser entoado pelos cantadores, sempre em latim. De acordo com Maria Luiza dos Santos, de 98 anos, conhecida como D. Neném e uma das moradoras mais antigas de São Cristóvão, no passado os Passos eram rezados e cantados.¹⁸

Imagem 2 – Procissão do Depósito



Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2011)

O cortejo sai da Igreja do Carmo Menor e vai até a Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, para o recolhimento da imagem. As pessoas seguem em silêncio, outras cantando, algumas delas

¹⁶ Diretora de Promoção Turística (gestão 2008-2012).

¹⁷ Entrevista concedida em 24/11/2011, na cidade de São Cristóvão.

¹⁸ Depoimento recolhido em 20/03/2011, em São Cristóvão.

vestindo túnicas pretas, roxas, brancas e com os ex-votos¹⁹ nas mãos, tais como retratos, fitas, bilhetes ou mexas de cabelos, para os colocar na Igreja. Segundo a Verônica Nunes, no passado a Procissão do Depósito era bastante silenciosa, porém a entrevistada reforça o caráter da dinamicidade cultural das festas, ao mencionar que: “Se nós entendermos que é parte da cultura humana a mudança, provavelmente em algum momento alguém não entendeu o silêncio da procissão enquanto entoado da promessa e do Passo”²⁰. Alguns devotos seguem a imagem, descalços ou ajoelhados; alguns levam feixes de lenha ou trazem coroa de espinhos na cabeça. Em anos anteriores era comum ver pessoas rolaem pelo chão, de um passo a outro, em pagamento de promessa.²¹ Nesse dia, a imagem de Nosso Senhor dos Passos é levada dentro de uma armação de madeira encoberta pelo encerro²², onde fica até o domingo à tarde para a Procissão do Encontro.

É grande a disputa para segurar a charola que leva a imagem; devotos se aglomeram em torno da imagem: estar mais próximo implica proximidade com o santo e garantia de pedido alcançado. A Procissão do Encontro (Imagem 3), no domingo, é o momento mais aguardado da festa. É visível o registro de teatralização, emoção e fervor religioso, com pessoas batendo palmas e chorando no encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. A citada procissão tem dois cortejos: um que sai da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória e segue a imagem de Jesus carregando a cruz; o outro cortejo sai da Igreja do Carmo Menor acompanhando a imagem de Nossa Senhora das Dores em direção à mesma praça. Ao se encontrarem na Praça São Francisco, as imagens são aplaudias e louvadas.

Imagem 3 – Procissão do Encontro



Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2012)

A força de atração/deslocamento/dispersão de devotos, promesseiros, penitentes, turistas e

¹⁹ O termo ex-votos origina-se do latim *ex-voto suscepto*, isto é, “por força de uma promessa” ou “o voto realizado”.

²⁰ Entrevista concedida em 30/03/2011, na cidade de Aracaju.

²¹ Informação oral cedida por quase todos os depoentes na pesquisa de campo 18 e 19/03/2011.

²² Pano em tom de roxo que vela a imagem de Nosso Senhor dos Passos da visão externa dos fiéis.

curiosos durante a Festa ao Nosso Senhor dos Passos dá uma nova conformação à cidade. Essas mobilidades durante a festa são traduzidas pelas ações dos participantes:

São práticas possuem itinerários devocionais, rituais e míticos mais ou menos estabelecidos no imaginário do devoto que constroem um tipo de peregrino 'performer', como a maneira de ver ou sentir o sagrado no espaço, em um tempo determinado, e onde as instituições religiosas apresentam uma organização que confere uma centralidade ao sagrado que se manifesta em um ponto fixo, material e simbólico da cidade, onde os caminhos individuais ou coletivos convergem, desenhando territorializações que se reconstróem através da experiência individual ou coletiva (Carballo, 2010, p. 125) – (tradução do autor).

O centro antigo da cidade quatrocentenária torna-se espaço configurada para demonstrações de fé e devoção dos agentes sociais flutuantes. Mas também local para o lazer e o conhecimento cultural, através da mudança do cotidiano, ainda que temporário, denotando práticas potenciais para o turismo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da presente pesquisa se pautou em no segmento turístico turismo religioso, vendo-o como parte da atividade turística cultural, para apresentar a celebração do Senhor dos Passos, em São Cristóvão, Sergipe. O turismo religioso tem sido importante campo de investigação não só pelo perfil da demanda, que é heterogêneo, mas também pela motivação complexa e diferenciada, que transformam os destinos em *locus* onde perpassam diferentes significados, práticas simbólicas e vivências socioculturais.

A celebração dos Passos do Senhor envolve um perfil peculiar de pessoas que, em sua maioria, chegam à cidade para pagar suas promessas e fazer suas penitências. Para efeito de categorização do penitente como turista, poderia se questionar se o aspecto da dor na Celebração dos Passos suplanta o prazer do deslocamento, ou se o prazer estaria justamente na busca de identificação por sentir a dor sofrida por Cristo no seu calvário. O período em que acontece a Festa do Senhor dos Passos, desaparecem as delimitações entre sagrado e profano, fervor e fanatismo, visto que essas categorias se inter-relacionam numa festa polissêmica e multifuncional.

Ao promover a diversidade no perfil dos participantes, a comemoração embora centenária e tradicional, se atualiza a cada edição. Como expressão cultural já reconhecida no estado, surge questionamentos sobre de que maneira o turismo poderia contribuir para com o evento. Por se tratar de uma manifestação religiosa consolidada entre os sergipanos, a celebração é vista como momento de espaço e tempo especial, que incentiva a mobilidade de pessoas vindas da região e outras localidades do país, para a cidade sede da festividade. Visitantes que poderiam ser considerados e tratados como turistas, mesmo no seu comportamento de consumo alternativo em termos de transporte, hospedagem e refeições.

O presente estudo inferiu que o evento religioso analisado está inserido dentro da atividade turística, visto que os visitantes que são por ele atraídos vivenciam a experiência do tempo da festa como algo diferente da sua rotina cotidiana e espaço habitual de permanência. Independentemente do lazer, prazer, dor ou sofrimento vivenciados por quem o pratica, o turismo é marcado por esse escape do entorno habitual, pela quebra da rotina de trabalho e pela possibilidade de diversão e fruição.

O estudo observou fiéis-devotos que passam todo o ano em sua região, deslocando-se para São Cristóvão somente no período da Festa ao Nosso Senhor dos Passos. São pessoas com uma renda muito baixa, que se dirigem à comemoração religiosa, com muito pouco ou nenhum dinheiro. Vão fazer a penitência, pagar a promessa e entregar os ex-votos. E isso é um fato a se levar em conta: a motivação pela fé, a força de uma devoção, o pagamento de uma promessa. Tais motivos, citados, impulsionam os indivíduos a criarem um fluxo de deslocamento, enchendo as ruas de São Cristóvão por dois dias.

A Festa ao Nosso Senhor dos Passos põe no cerne da questão, a tênue fronteira que separa o um evento eminentemente religioso e, a partir de que momento, o mesmo se transforma em um produto cultural para ser consumido pelo segmento da atividade turística religiosa. É quando o evento passa a se caracterizar não somente sob o ponto de vista religioso, mas também pelo aspecto turístico, cultural, social, econômico e espacial. Ao promover anualmente o evento para a renovação dos votos em favor ao Senhor dos Passos, a sede do município se consolida em um lugar de memória da festa e local para a atividade do segmento do turismo religioso de forma potencial. A cada edição, o centro antigo da cidade – espaço da festa – desponta como um ambiente favorável à promoção do turismo católico no estado de Sergipe.

REFERÊNCIAS

- Abreu, T.N. M. De & Coriolano, L. N. M. T. (2003). Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso. In: Coriolano, L. N. M. T. (Org.). *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: FUNECE, pp. 78-95.
- Amaral, R.C. (2000). *Sentidos da festa à brasileira*. Disponível em: <http://www.nava.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm>. Acesso em: 5 de outubro de 2010.
- Andrade, J. V. de. (2002). *Turismo: fundamentos e dimensões*. (8a ed.) São Paulo: Ática.
- Aragão, I.R. & Macedo, J.R. de (2011a). Festa e Turismo Religioso: a procissão em louvor ao Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe - Brasil). *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, 9, (20), 96-113.
- Aragão, I.R. & Macedo, J.R. de (2011b). São Cristóvão e Divina Pastora: lócus do turismo religioso em Sergipe-Brasil. In: *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, 1, (1), pp.34-46.
- Aragão, I.R. (2012). *“Vinde Todas as Pessoas e Vede a Minha Dor”*: a festa/procissão ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe. Dissertação (Cultura e Turismo). Ilhéus: UESC.
- Beni, M. C. (2000). *Análise estrutural do turismo*. (3a ed.) São Paulo: Senac.
- Bittencourt, A. Júnior. (2003). *Penitentes do Senhor dos Passos - Um estudo de Comunicação na Religiosidade Popular*. Dissertação (Comunicação). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Bittencourt, A. Júnior. (2007). Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade popular. In: *Anais Encontro Nacional de História das Religiões*. ANPUH, Maringá, pp. 1-9.
- Brasil. (2000). *Roteiros da fé*. Embratur, Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Brasil. (2001). *Inventário nacional de bens móveis e integrados: Sergipe e Alagoas, módulo 1, (4)* Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Vitae.

Brasil. (2008). *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Ministério do Turismo, Brasília.

Carballo, C.T. (2010). Hierópolis como espacios en construcción: las prácticas peregrinas em Argentina. In: Rosendhal, Z. *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp. 113-144.

Carneiro, S.M. de S. (2004). Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. In: *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, 6, (6), pp. 71-100.

Dias, R. (2003). O turismo religioso como segmento do mercado turístico. In: Dias, R; Silveira, E. J. S. da. (Orgs.). *Turismo Religioso: ensaios e reflexões*. Campinas: Alínea, pp. 7-37.

Durkheim, É. (2008). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. (3a ed.). São Paulo: Paulus.

Eliade, M. (2008). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Ferreira, L.D.M. (2009). *Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana*. Ouro Preto: ETFOP.

Fragata, T. (2006). Procissão dos passos em São Cristóvão/SE. In: Vieira, M. J. G. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: Gráfica J. Andrade, pp. 21-25.

Halbwachs, M. (2006). *La memoria colectiva*. Trad. de Inés Sancho-Arroyo. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza.

Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Unicamp.

Lohmann, G. & Panosso, A. Netto. (2008). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.

Maio, C.A. (2006). Turismo Religioso e desenvolvimento local. In: Trevizan, S. D. P. (Org.). *Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local*. Ilhéus: Editus, pp. 311-320.

Maluf, M. (2001). O aspecto barroco das festas populares. In: *Revista Olhar*, 3, (5-6), pp. 1-6.

Martins, J.C. de O. & Leite, L. (2006). Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: Martins, C. (Org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, pp. 105-119.

Montes, M.L. (1998). Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira. In: *Revista Sexta Feira*, São Paulo, (2), pp. 1-13.

Nora, P. (1993). Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Pontifica Universidade Católica, (10), pp. 7-28.

Oliveira, C.D.M. de (2004). *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph.

Oliveira, C.D.M. de. (2005). Turismo religioso no Brasil: construindo um investimento sociocultural. In: Trigo, L. G. G. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca.

Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. Trad. Monique Augras. In: *Revista dos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 5, (10), pp. 1-15.

- Rosendahl, Z. (1996). *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Sanchis, P. (2006). Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. In: *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, 8, (8), pp. 85-97.
- Sant'iago, S. (2009). *Anuario christovense ou cidade de São Cristóvão*. São Cristóvão: UFS. (Versão Impressa).
- Santos, M.F.de J. & Nunes, V. M.M. (2005). Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se. In: *Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão*. Aracaju, 2, pp. 97-110.
- Santos, M.F.de J. (2006). *Caminhos da penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão-Sergipe (1886-1920)*. Monografia (Licenciatura em História). São Cristóvão: UFS.
- Santos, M.F.de J. (2011). Pândega de promesseiros: sabores e penitência na festa de Passos em Sergipe novecentista. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, III, (9), pp. 1-13.
- SILVA. Clodomir de Souza e (1920). *Álbum de Sergipe (1820-1920)*. Edição comemorativa ao primeiro centenário da emancipação de Sergipe. Aracaju, 1920.
- Silva, H.R. da (2002). "Rememoração" / Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 22, (44), pp. 425-438.
- Steil, C.A. (2001). Catolicismo e cultura. In: Valla, V. V. (Org). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP & A, pp. 9-40.
- Steil, C.A. (2003). Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 9, (20), pp. 249-261.
- Trigo, L.G.G. (2010). A viagem como experiência significativa. In: Gaeta, C. & Panosso, A.Netto. (Orgs.). *Turismo de experiência*. São Paulo: Senac, pp. 21-41.